

Jornalismo: como abrir os olhos de quem não quer ver

Dora Santos Silva

Combater o populismo político não passa por artigos de opinião como este. É preciso, entre outras medidas, fazer uma sanduíche

O Senhor Manuel (nome fictício que representa um simpatizante do Chega) tem 63 anos, mas orgulha-se de dominar o WhatsApp e o Facebook. Nunca leu tanto como agora, afirma. Lê todas as notícias que lhe aparecem no feed ou as que lhe são reencaminhadas pelos amigos.

Não gosta deste Governo que, em vez de se preocupar com os “verdadeiros” portugueses, favorece os corruptos e está mais focado nas minorias e em quem vem de outros países. A sua vida também não é fácil: não consegue passar dos biscates e sempre teve de contar o dinheiro. Ao menos o Chega parece adivinhar o que lhe passa na cabeça. O Chega está zangado. Como ele tem estado a vida toda.

O João (nome fictício que representa outro simpatizante do Chega) tem 22 anos, está a tirar o Mestrado, e cresceu numa família sem jornais na mesa da sala, mas com opiniões muito vincadas à hora das refeições sobre o que é pertencer a uma boa família. (Os “outros” são todos os que não seguem os valores da sua boa família.) Admira o líder do Chega – até tem um doutoramento e já foi professor universitário – e acha que o absurdo de algumas das suas medidas é só uma estratégia de marketing inocente. Os jornalistas – esses, sim, corrompidos pelo sistema e todos de esquerda – atacam-no porque têm medo de perder poder. Tudo o que lê nos órgãos de comunicação social sobre o Chega confirma o que já constatou: são necessárias medidas extremas para combater a esquerda.

Estes simpatizantes, que também poderiam ser femininas e fazer parte das Mulheres Chega, vão ter duas atitudes em relação a este artigo: ou nunca irão tomar conhecimento dele e, portanto, nunca o vão ler, ou irão lê-lo, mas já com a percepção de que isto é mais um ataque gratuito à extrema-direita. De facto, a probabilidade de os leitores concordarem comigo é muito maior do que os que irão discordar e acabamos todos a concordar uns com os outros sem chegar ao que realmente é



NUNO FERREIRA SANTOS

“O que os leitores têm de reter não é o discurso populista, são as consequências desse discurso se recolher os seus votos



importante: abrir os olhos de quem não quer ver, isto é, os votantes e futuros votantes do Chega e de todas as outras ameaças à democracia.

Aqui, a investigação académica pode ser a maior aliada das redações para combater o populismo. Os cientistas sociais têm investigado estes fenómenos e as suas conclusões são úteis para tornar mais assertivas as narrativas jornalísticas (porque isto de um jornalista ser imparcial e objetivo na cobertura de

discursos anticonstitucionais e de ódio não é jornalismo).

Por exemplo, um fenómeno digital que tem repercussão negativa nas escolhas políticas é aquele que investigadores da Universidade de Viena e do Michigan apelidaram de “*news will find me*”. A população, constituída na maioria por jovens e adultos que nunca tiveram o hábito de aceder aos órgãos de comunicação social, confia nas notícias que lhes chega, principalmente pelas redes sociais (não as procura ativamente). Esta atitude tem duas consequências: se os jornalistas não conseguem chegar a esses potenciais leitores – que, na verdade, são passivos –, a mensagem nunca será veiculada. Por outro lado, se as redações derem demasiado tempo aos discursos da extrema-direita, de uma forma isenta e imparcial, a probabilidade de chegar aos leitores é maior, mas o efeito é potencialmente o contrário. É como quando passamos a vida a repetir aos nossos filhos “não faças isto” e eles apreendem tudo menos o “não”. Há que lembrar que entre janeiro e setembro de 2016, Trump teve 822 minutos de

cobertura televisiva, enquanto Clinton teve apenas 386. Ignorar e não dar cobertura jornalística como se o problema não existisse também não é solução: o elefante vai engordar até destruir a nossa casa (isto é, a democracia).

Uma solução poderá passar por aquilo a que se chama “sanduíche da verdade” (*truth sandwich*, em inglês), como propôs o linguista George Lakoff em 2018 e de que académicos e *media* internacionais falam entusiasticamente desde então, mas que raramente é posta em prática. A sanduíche da verdade implica três procedimentos na cobertura jornalística de discursos desinformativos como os que são comuns nos populistas: começar a peça com a verdade, indicar a mentira, mas rapidamente voltar à verdade.

A repetição é a base da propaganda, mas também pode ser a do combate ao populismo – mas ampliando a verdade, não a mentira ou desinformação. Não é de todo prudente uma redação ampliar uma mentira, mesmo que seja para revelar a verdade.

Aplicando isto à última polémica sobre a moção apresentada por um delegado do Chega, que previa a retirada de ovários a mulheres que abortassem, houve meios de comunicação social que ampliaram tanto a mentira de que seria uma proposta de André Ventura, só para poderem fazer o *fact-checking* de que não era verdade (a proposta foi de um delegado e chumbada), que fizeram a cama para ser o próprio líder do Chega a pedir seriedade e a repudiar essa moção (e arrecadar mais uns fãs pelo meio).

Outra atitude a evitar – e que choca com tudo o que aprendemos no jornalismo – é a personalização dos discursos populistas, porque isso só vai aumentar a popularidade do líder populista: vários académicos já se debruçaram sobre os efeitos destas representações sociais. Quanto mais centramos em André Ventura tudo o que acontece no Chega – como se os grandes ditadores históricos tivessem feito a ditadura sozinhos – mais Ventura é odiado... e amado. O combate ao populismo não é só o combate aos seus líderes.

Esta sanduíche da verdade dá trabalho, pois implica que os jornalistas façam uma cobertura jornalística construtiva, isto é, ampliando a verdade que é, neste caso, a consequência da mentira. O que os leitores têm de reter não é o discurso populista, são as consequências desse discurso se recolher os seus votos. E essas consequências pautam-se por frases tão simples como esta: a vida pode ser difícil, mas será muito mais sem democracia.

Professora de Jornalismo na NOVA FCSH